

**RESENHA: *SOU AQUELA MULHER DO CANTO ESQUERDO DO QUADRO*,
DE FERNANDA GRIGOLIN (SÃO PAULO: TENDA DE LIVROS, 2020)**

Maria Teresa Mhereb¹

*Le mejor sería hablar de mí en gerundio
construyéndome
armándome línea a línea
desde una temporalidad feminista.
A mulher do canto esquerdo.*²

*A experiência que passa de pessoa para pessoa
é a fonte a que recorrem todos os narradores.
E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que
menos se distinguem das histórias orais contadas
por inúmeros narradores anônimos.
Walter Benjamin, "O Narrador".*³

Era o ano de 1923. Uma multidão se reunia em frente à Fiação Tecelagem Estamparia Jafet, no bairro do Ipiranga, para o cortejo fúnebre de seu patrono, um dos maiores industriais da cidade de São Paulo, Nami Jafet. Entre as centenas de homens, mulheres e crianças, estava ela, a narradora anônima de *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro* (São Paulo: Tenda de Livros, 2020), de Fernanda Grigolin. No primeiro plano, vestida de xadrez, ela espreme os olhos para nos ver melhor.



¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução, com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Email para contato: teresamhereb@gmail.com.

² Fernanda Grigolin, *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*, 2020, p. 3.

³ Walter Benjamin, "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", 1996, p. 198.

A fotografia é, na verdade, um *frame* do documentário *Funerais do Comendador Jafet*, organizado por José Inácio de Melo Souza em 1924.⁴ Integrando o arquivo pessoal da narradora, essa é uma das quatro imagens que saltam do livro – quase que literalmente, porque não estão fixadas às páginas encadernadas. Aterrissando com seu peso incalculável, provocam o espanto familiar e reconfortante de quem abre a velha caixa de recordações e encontra nela memórias de que já não se lembrava. Memórias de um passado vivido por outra pessoa, mas que também é nosso. Uma relação de confiança se estabelece então entre nós e a narradora. Somos agora depositárias de documentos que a operária anarquista guardou durante toda a sua vida, documentos tão íntimos e ao mesmo tempo tão públicos, porque parte da história social e política do nosso país.

Impresso em vermelho e negro, *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro* foi publicado por Fernanda Grigolin por sua própria editora, a Tenda de Livros, com projeto gráfico de Laura Daviña. O livro é resultado de anos de pesquisa política e acadêmica da autora. É uma homenagem à história de tantas mulheres libertárias cuja vida e cuja luta – se é que para elas vida e luta não seria crasso pleonasmo – são raramente narradas.

Em suas famosas “Teses sobre o conceito de história”, Walter Benjamin escrevia que narrar a história a contrapelo é tarefa do historiador que está convencido de que “nem mesmo os mortos estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso” (2007, p. 65). Fernanda Grigolin parece se encarregar dessa tarefa, reconstituindo, por meio de uma narrativa ficcional ancorada em materiais históricos, a resistência de operárias e operários que lutaram duramente, muitas vezes derramando o próprio sangue, durante a Greve Geral de 1917 na cidade de São Paulo, e, sobretudo, da massa de mulheres submetidas a condições desumanas de trabalho nas grandes tecelagens brasileiras do começo do século XX.



⁴ A imagem e as informações sobre o documentário estão disponíveis na tese de doutorado de Fernanda Grigolin, *Sou aquela mulher do lado esquerdo do quadro. A história de mulheres anarquistas como narrativa encarnada*, defendida em janeiro de 2020 no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O livro é também uma declaração de amor e respeito ao saber acumulado pelas mulheres e homens mais velhos, à experiência e à sabedoria que só elas e eles possuem e que hoje se despreza como sucata, em nome do sempre novo. A narrativa se desenvolve no diálogo, ocorrido durante a ditadura militar, entre a mulher do canto esquerdo do quadro, já idosa, e uma jovem artista estrangeira. Nesse encontro de gerações, passado e presente se entrelaçam. A artista, cuja presença como interlocutora é revelada apenas por meio de perguntas e comentários que a narradora lhe dirige, às vezes concordando com ela, às vezes ironizando-a, é proveniente de uma família com boas condições econômicas. Ela não procura valer-se, contudo, de suas vantagens sociais – ao contrário, parece por vezes envergonhar-se delas: “Não, não precisa pedir desculpas” (p. 11), lhe responde a narradora a certa altura – nem se posiciona como uma antropóloga que, em seu trabalho de campo, interage com um objeto exótico.

Ao longo de vinte encontros, a relação entre a narradora e a artista se constrói sobre a necessidade, clara para ambas, de não permitir que o passado se perca: “Vou contar da Greve [Geral de 1917] para você, porque veio na minha casa e está fazendo perguntas, e estou velha e não levarei comigo estas lembranças que estão na mesa” (p. 11). São lembranças de uma vida em que tudo o que é pessoal é também político, *avant la lettre*. Cada fato da vida particular da mulher simples e ao mesmo tempo brilhante é revestido de um significado que a transcende, conectando outras incontáveis vidas singulares. A autora imprime, assim, a *história de uma época na história de uma vida*.

Antes de trabalhar no Jafet eu passei por outras Fábricas. Crespi foi uma delas. O lugar era inóspito, tínhamos medo da forma de agir dos Mestres, mas o fato não impediu a Greve. As trabalhadoras eram muito ativas. Eu as admirava. Como podiam, tão pequenas e mirradas, enfrentar assim a todos? [...] As tecelãs e costureiras eram unidas. Há uma conversa por aí de que somos burras. O que é uma mentira. É uma injustiça com nossa luta. Houve muita coisa bem antes da Greve. Se você perguntar, vai saber da União das Operárias Costureiras e da Liga de Resistência das Costureiras... No Rio, o Grupo pela Emancipação Feminina tentou criar um Jornal, só saiu um número, chamava *O Nosso Jornal*. (p. 7)

Nas singelas trinta páginas do livro, referências a personalidades históricas como Martínez, operário anarquista morto durante a Greve Geral de 1917, Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri aparecem junto a recortes de jornais libertários como *A Plebe*, *Terra Livre* e *Grito Operário*, registrando, do ponto de vista das vencidas e dos vencidos, a epopeia de derrotas que é a trajetória de um país erguido sobre a desigualdade e a violência.

A mesma tecelã que, com suas mãos maltratadas, teceu durante toda a vida seu sustento na fábrica tece também, com palavras e documentos, a história de mulheres e de greves. Eis a porta de entrada para a narrativa:

*Pido a ti, lectora,
que al leerme escuches*

a una mujer tejiendo en una máquina.

Sí, soy yo la tejedora.

*Puedo ser también
una mujer tipógrafa que busca,
letra por letra,
poner un periódico en rotativa.*

*Puedo ser también
una mujer que maneja el telégrafo
y avisa en punto y trazo a otras mujeres:
oigan, vamos a empezar nuestra huelga. (p. 3)*

Da aspereza do *continuum* de chumbo da nossa história nacional emana também o direito à poesia, que rompe fronteiras e une povos oprimidos. Em espanhol e em poema, o livro se inicia e se encerra. O livro, porém não a história. Nas páginas finais, e ocupando um quinto da narrativa, a autobiografia em versos que a anarquista catalã Tita Mundo deixa para a narradora, sua amiga de *huelgas* e manifestos, invoca mulheres em luta em diferentes tempos e espaços. Forçando-nos a ler em espanhol, a autora integra-nos, como indivíduo e como coletivo, num todo muito maior.

Como objeto material, o próprio livro é também documento histórico de uma época. Sua existência testemunha a expansão do acesso aos meios de produção livreiros, assim como a possibilidade de que outros sujeitos, que não os homens brancos detentores de montantes relativamente altos (quando não altíssimos) de capital, assumam as tomadas de decisões sobre quais obras estarão disponíveis para nossa leitura. Ao mesmo tempo, a edição econômica, impressa em duas cores e em formato de plaquete (que, em tudo, lembra o subversivo lema do “faça você mesma”), denuncia as restrições orçamentárias que enfrentam especialmente as editoras independentes de pequeno ou pequeníssimo porte no país, assim como sua perseverança, sem dúvida não alimentada pelas cifras de entrada.

Não é de hoje que as sentinelas do poder declaram aos quatro ventos que a luta de classes está morta. Não é o que parecem demonstrar os sucessivos levantes ao redor do globo, que exigem um mundo mais justo e o fim da precificação dos seres humanos e da natureza, e tão pouco a violência policial acionada para reprimi-los. Profundamente atual, *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro* convida-nos a conhecer um capítulo pouco lido do nosso passado.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. “Teses sobre o conceito de história”. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2007. Tradução de Jeanne-Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller.

BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. Tradução de Sergio Paulo Rouanet.

GRIGOLIN, F. *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*. São Paulo: Tenda de Livros, 2020.

GRIGOLIN, F. *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*. A história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada. 2020. 236f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2020.

Recebido em: 29/06/2020

Aceito em: 29/06/2020

Referência eletrônica: MHEREB, Maria Teresa de Araujo. *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*, de Fernanda Grigolin (São Paulo: Tenda de Livros, 2020). *Criação & Crítica*, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.